

# O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo  
comprehendam...

AD PHILIP. 3. 12.

RELIGIÃO E SCIENCIA  
LITTERATURA E ARTES

... ad ea quae sunt priora extendens meipsum  
ad destinatum persequor, ad bravium  
triumpfi Ecclesiae... in Christo Jesus

ID. 13. 14.



FESTA DO BAIRRO

SUMMARIO:—Secção Scientifica: *Liberalismo, Carta pastoral do Ex.<sup>mo</sup> Bispo de Carthagená; Jurisprudencia canonica*, por F. A.—Secção Historica: *Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus, 48.<sup>o</sup>*, pelo Padre João Vieira Neves Castro da Cruz.—Secção Critica: *A Inglaterra e o Direito internacional moderno; Firmeza?*, por Dom Antonio d'Almeida.—Secção Illustrada, por R.—Secção Litteraria: *Portugal*, por João de Lemos; *Na morte de João de Lemos*, por Osorio Goulart.—Secção de Communicados, por Um assignante do Progresso Catholico.—Retrospecto, por M. F.

Gravuras: *Festa do bairro; Ilhas Borroméas.*

## SECÇÃO SCIENTIFICA

### Liberalismo

Carta pastoral do Ex.<sup>mo</sup> Bispo de Carthagená

(Continuado do n.º 8)

VI

*Lemma do liberalismo, a independencia do Estado: seus verdadeiros principios e consequencias.*

**D**ISSEMOS liberaes propriamente ditos (e para isto particularmente chamamos vossa attenção) porque, embora socialistas e naturalistas sejam liberaes, o são tão sómente em virtude de serem o socialismo e o naturalismo evoluções logicas e necessarias da doutrina liberal: são liberaes, como são protestantes os incredulos, racionalistas e naturalistas dos ultimos seculos. Ninguem aparentemente mais distante do racionalismo, naturalismo e da incredulidade, que o heresiarca Lutero, ensinando como causa unica justificadora da fé, e sua regra unica adequada, a revelação contida na Sagrada Escripura. Como porém simultaneamente proclamou a independencia da razão em materia religiosa, e não pôde conceber-se que a razão humana seja independente em sua esphera, e muito menos em assumptos religiosos, sem como tal a reconhecermos nas demais espheras philosophica, politica, social, n'uma palavra, sem proclamarmos a independencia absoluta da razão; por isso mesmo o auctor da Reforma proclamou a independencia absoluta da razão e a par d'ella o naturalismo, o racionalismo e a incredulidade. D'est'arte, o Liberalismo, ao proclamar o Estado independente da Igreja e da auctoridade de Deus, auctor da ordem sobrenatural na liberdade humana, proclamou igualmente a independencia absoluta de Deus e de toda a auctoridade em qualquer ordem ou esphera; negou a ordem sobrenatural, negou a ordem em absoluto, negou a auctoridade; em summa, proclamou a soberba naturalista e a anarchia socialista.

Mas embora taes consequencias se encontrem logicamente contidas nas doutrinas do Liberalismo propriamente dicto, ou Liberalismo politico, nunca

este se animou a proclamar as abertamente. Limita-se a manifestar expressamente, a exhibir, gravada em sua bandeira com os mais brilhantes caracteres, a independencia absoluta do Estado.

Tal é, como diz o Padre Liberatore, a doutrina peculiar, o *sancto* e a *senha* do erro contemporaneo.

Verdade seja que n'este dogma inclue se logicamente a independencia absoluta do individuo, proclamada pela eschola socialista, e a negação da ordem sobrenatural, base das affirmações naturalistas. No emtanto, embora consequencias forçosas, não são taes doutrinas o lemma do erro; similiaes lições não figuram no programma offcial da eschola. O Liberalismo, teimoso e astuto como é peculiar do erro, estabelece-se no terreno politico como em sua propria casa, e nada se lhe dá, desdenhoso da logica e inconsequente até ao extremo, dos corollarios derivados de suas doutrinas, nem dos falsos e absurdos principios de que ellas promanam.

Pois quê? Onde pararia o erro no dia em que mostrando-se logico em seu procedimento, deduzisse suas finaes consequencias, ou affirmasse os principios que lhe servem de fundamento? Sobre tudo, que seria de um erro practico, como é o Liberalismo, no dia em que seus dissolventes principios ou subversivas consequencias, se effectivassem nas sociedades norteadas pelas doutrinas liberaes? Lenta ou repentinamente adviria a decomposição da sociedade, e com ella a morte do erro. Tal o motivo porque todos os erros com quanto annunciem outra coisa, esforçam se por ser auctoritarios. Inimigos da discussão, e mais ainda inimigos da logica, por isso mesmo revelam contra ella instinctos irresistiveis. Há já vista a historia de todas as heresias, e mais que essa a historia dos erros modernos, desde Lutero e Calvino até aos livres pensadores e socialistas contemporaneos.

Sem embargo, porém, da parcimonia e circumspecção com que no desenvolvimento de suas doutrinas ha procedido a eschola liberal propriamente dicta; sem embargo do despotismo intellectual com que ha tentado comprimir os intendimentos no estreito circulo de suas inconsequentes theorias, a final o tempo e a logica hão conduzido as escholas radicaes e socialistas aos

principios em que se apoia e ás consequencias que encerra o systema liberal. Que importa que os liberaes protestem, condemnem, anathematisem as doutrinas socialistas e radicaes? que importa lancem excommunhões aos que as sustentam e lhes neguem o, para elles, glorioso titulo de liberaes? que vale stigmatizar os de epithetos infamantes, se o socialismo, o anarchismo, o radicalismo, outra coisa não são que umas evoluções logicas do liberalismo e os defensores de que taes perigosos systemas são uns liberaes mais logicos, mais consequentes, mais dignos, mais liberaes enfim?

Não, irmãos e filhos carissimos; a despeito das protestações e censuras do Liberalismo, o socialismo e o radicalismo são seus filhos legitimos. Cabe-lhes o direito de usarem o nome de seu pai; teem solidariedade de familia.

Mais ainda: ao Liberalismo pertence a grave responsabilidade de ter educado mal os filhos.

Esta solidariedade de doutrinas entre as escholas socialistas, naturalistas e liberaes, patenteia-se mais claramente, se do terreno especulativo descemos ao terreno pratico, ao terreno social e politico, ás applicações de suas theorias á sociedade e aos governos.

VII

*O erro liberal prefere applicar-se á politica*

Ao estudarmos o erro contemporaneo sob este notavel aspecto, duas coisas ha a demandarem nossa attenção: 1.<sup>a</sup>—em razão de seus principios e consequencias, o Liberalismo, embora contra vontade e conhecimento de varios de seus adeptos, é um erro metaphysico e religioso, que influe preferentemente na forma politica, foge do campo da especulação, apesar de mais levantado e nobre, para expandir-se desafogadamente no amplo terreno das applicações, mais accessivel, mais transcendental e importante para os fins satanicos do systema; 2.<sup>a</sup>—quaes forem as theorias adoptadas pelo erro na ordem philosophica e religiosa, taes são as applicadas no terreno pratico, nas espheras politicas e sociaes, de tal modo, que sendo illogico como é todo o erro, nota-se no emtanto, nos tres distinctos graus do systema, uma perfeita correspondencia entre as idéas religio-

sas e philosophicas por uma parte e as idéas politicas por outra.

Sendo porém dignas de notar-se, não são todavia estranhas, nem a forma politica exhibida pelo *Liberalismo*, nem a correspondencia rigorosa das theorias philosophicas e religiosas com as doutrinas politicas. Como todo o contingente, os erros estão sujeitos ás leis de tempo e do espaço; são estes, por que assim digamos, os meios em que nascem, vivem, movem-se e obram, e todo o vivente e agente se accommoda, necessariamente, ás condições de tempo e lugar. E' factó comprovado na historia, que os erros ostentam o character da epocha em que vivem, e reflectem as tendencias dos paizes em que nascem e prosperam. E quem poderá desconhecer que o character preponderante da nossa epocha, em todos os paizes, é a paixão pelas questões politicas?

A isto accresce, que a metaphysica, a religião e a politica, tão irmanadas e intimamente unidas se encontram, que toda a questão politica, ao parecer d'um notavel publicista, (1) em si contém outra questão metaphysica e religiosa; e toda a affirmação ou negação nas espheras politicas, vem a resolver-se, necessariamente, n'uma affirmação ou negação na ordem philosophica ou religiosa, o que não pôde, realmente, a ninguém surprehender, excepto aos que, imbuidos como Proudhon, das ideras pantheistas, não reconhecem aquelle sublime e igualmente simples principio do credo catholico, primeira verdade, tambem, das espheras metaphysicas, e é «que Deus é o primeiro principio e o fim ultimo das creaturas, pelas quaes vela com sua providencia, mas particularmente pelo homem—sua creatura predilecta.»

Graças a estreita connexão que entre si guardam essas tres ordens, a toda a affirmação metaphysica ou religiosa, applicada ao direito politico ou social, correspondem outras affirmações ou negações politicas e sociaes. D'onde resulta que aos tres graus ou formas que na ordem metaphysica e religiosa tem o *Liberalismo*, correspondem harmonicamente outras tres na ordem politica e social.

E a correspondencia é tão perfeita e exacta, que as doutrinas sustentadas n'estas espheras pelo *Liberalismo absoluto e naturalista*, parecem necessaria consequencia do *Liberalismo politico*. Para mais claramente evidenciar a relação logica entre as doutrinas praticas que respectivamente sustentam os tres graus do *Liberalismo*, e por consequente a solidariedade doutrinal te-

zantemente negada pelos liberaes politicos, vamos, na exposição d'ellas, seguir um methodo inverso ao por nós empregado na exposição das doutrinas especulativas, começando pela da eschola propriamente liberal, até chegarmos progressivamente ás tremendas negações da eschola communista e anarchista.

(Continua.)

## Jurisprudencia canonica

### Sobre compra e venda dos bens da Igreja

#### CONSULTA

† JUNCTA de parochia de... intenta mandar construir o cemiterio n'uma porção de terreno que é pertencente ao paçal, collocando em inscripções averbadas em favor do parochio aquella quantia que se julgar equivalente ao terreno ceceado.

Pôde a juncta, sem offensa das leis canonicas, fazer esta permuta?

Pôde o parochio consentir n'ella?

#### RESPOSTA

Nos numeros 3, 4 e 5 da XII serie do «Progresso Catholico» tractamos largamente o assumpto a que se refere a consulta *supra*.

Para aquellos artigos, por tanto, remettemos o nosso illustrado consulente, para não estarmos a repetir aqui o que então escrevemos a respeito da alienação dos bens da Igreja, e das condições com que esta alienação deve ser feita, para que os alienantes, e os que n'ella consentiram, não incorram nas tremendas penas canonicas, com que a Igreja fulmina os que vendem ou consentem que os bens ou rendimentos das igrejas ou logares pios sejam applicados a usos profanos ou mesmo a usos sacros, sem que o façamos devidos termos e sem estarem competentemente auctorisados, em conformidade com o que dispõe as leis canonicas.

Alli demonstramos que, segundo ellas, as junctas de parochia não eram senão meras administradoras *de facto* dos bens destinados ao culto e a obras pias, e que o parochio, e só o parochio, era o seu legitimo administrador, sob a dependencia immediata do respectivo Prelado diocesano.

Por tanto, se o dinheiro que a dita juncta de parochia tem a gastar na compra de terreno para o cemiterio, não fôr proveniente de qualquer con-

tribuição civil, deve obrar de accordo e com o consentimento do seu parochio para fazer aquisição do terreno para o cemiterio. Em seguida o parochio e a juncta devem dirigir-se ao Prelado diocesano, para que elle auctorise a venda do paçal e a despeza que ha a fazer na construcção do cemiterio, (caso esta despeza seja feita dos bens ou rendas ecclesiasticas da parochia; entende-se). E isto no caso d'aquella compra e despeza não exceder de 50\$000 reis. Pois passando d'alli, já o Prelado, segundo as leis canonicas, não pôde conceder uma tal auctorisação, e mesmo que a conceda, a não haver boa fé e ignorancia, não livra os alienantes de incorrerem nas penas canonicas; mas é preciso recorrer ao Ex.<sup>mo</sup> Nuncio, caso esteja para isso auctorisado pelo Papa, ou directamente á Santa Sé.

Tudo o que aqui dizemos, largamente o demonstramos com as mais valentes razões e com documentos da mais incontestavel auctoridade, em tres artigos consecutivos, e que vão indicados no principio da resposta a esta consulta. Para elles chamamos de novo a attenção do nosso respeitavel consulente e da juncta, a quem o caso diz respeito.

F. A.

## SECÇÃO HISTORICA

### Galeria de homens notaveis da Companhia de Jesus

48.º

CXV

#### P. José Volpi

† FAMILIA Volpi de Padua, na Italia, teve no seu seio grandes homens que illustraram o campo das sciencias e da litteratura, no meiado do seculo XVIII. Os mais distinctos e conhecidos são João Antonio, Caetano e José, irmaos. O primeiro não passou do estado secular; o segundo foi presbytero; o terceiro alistou-se na Ordem de Santo Ignacio.

Nasceu José Volpi no anno de 1692. Collocado primeiramente n'um collegio de padres seculares, alli aprendeu os elementos das letras; em seguida estudou com os jesuitas, applicando-se á litteratura.

Afleição-se ao instituto dos seus mestres, professou na Companhia de Jesus em 1707, na cidade de Roma. Reconhecido o seu talento, ensinou varias sciencias em Frascati, Sena e Leorne, e foi nomeado prefeito dos estudos no collegio grego de Santo

(1) Marquez de Valdegamas, *Ensayo*, etc. lib. I, cap. I.

Athanasio, em Roma, logar que occorreu toda a sua vida.

O sabio Cardeal Corradini tinha publicado a grande e bella obra que tem por titulo *Lacio sacro e profano*, e que se compõe de 2 volumes. Como este trabalho estava incompleto, procurou se um homem competente que o concluísse, sendo pedido á Ordem dos jesuitas. O Geral, que então era o P. Miguel Angelo Tamburini, escolheu para esta empreza o P. José Volpi.

Effectivamente este jesuita dedicou-se com zelo e ardor á continuação da obra de Corradini, não poupando para esse fim penas, nem fadigas, nem viagens: publicou nove volumes do *Lacio sacro e profano*, obra monumental, muito curiosa e profunda em investigações.

O P. Volpi era um homem infatigavel: ao mesmo tempo que se occupava na grande obra mencionada, era revisor de livros, consultor da Congregação do *Index*, e examinador de Bispos.

E ainda mais: o P. Volpi assistia continuamente no confissionario, pré-gava, exercia as missões e visitava os doentes nos hospitaes. Foi na pratica d'estas funcções de caridade que a morte o accommetteu a 26 de setembro de 1746.

Alem da obra acima referida, o jesuita José Volpi escreveu outras muitas na lingua italiana, e que versam sobre antiguidades, materia dogmatica, biographias de santos e poesia.

Nas obras theologicas revela elle profundo conhecimento da Escripura Sagrada e a sua capacidade nas linguas orientaes. A sua poesia é agradável.

O P. Volpi pertencia á Academia dos Arcades, de Roma, onde teve o nome de *Bianor Craneo*.

(Continúa)

P.\* João Vieira Neves Castro da Cruz.

## SECÇÃO CRITICA

### A Inglaterra e o Direito internacional moderno

IV

(Continuação do n.º antecedente)

Por tanto tempo esquecidos de nosso dever, se a decomposição verdadeira não invadiu, invencivelmente, a sociedade portugueza, olhando para nós, contemplando o nosso estado miseravel, intendamos que, a querermos subsistir como nação, cumpre-nos levar a cabal desempenho uma missão de gloria, que será a nossa vida no presente, incutindo operosidade

a tantos membros inactivos, e nos co-roará no futuro, accrescentando uma pagina formosa ás tão numerosas e brilhantes dos heroismos lusitanos.

Eramos ainda fortes e venerandos no alvorecer d'este seculo, pois, sem embargo do abandono em que jaziam as coisas da guerra, tivemos coragem de sobra para expellir muito além das fronteiras da patria uma horda de invasores que se crearam entre os hymnos da guerra e ao som formidavel d'uma artilheria potente.

Essa manhã do seculo foi ainda um jacto de luz em nossa aureola scitillante. Perdido o Brazil pelo erro de uns e a traição de outros, ficavam-nos ainda largos territorios que desbravar, terrenos vastissimos, onde poderamos ter formado um novo, um grandissimo imperio, que nos recompensasse agora em fructos sazonados dos suores com que o houvessemos irrigado.

Ainda assim, sem quasi nada se fazer, todos falavam das colonias: o povo lastimava a incuria que se lhes votava; cada ministerio, ao sobraçar a pasta cobiçada, annunciava ir consagrar-lhes desvelado estudo; em cada legislatura, havia no palacio das cortes advogados dos vitaes interesses d'ellas. Isto, no entanto, era apenas uma especie de instincto nacional, presago de grandes perigos futuros, destituido porém d'aquella preciosa efficacia, que transforma o desejo em projecto e o projecto em acção. As colonias, coitadas! pareciam filhas espurias, olhadas sempre com indesculpavel desdem. Alguns bens materiaes obtiveram, mas o que se chama *colonisar* foi sempre tido tão de parte, que para nós constituiu uma vergonha, uma traição, um labéo ignominioso, e actualmente está sendo um perigo, um abysmo cavado debaixo de nossos pés.

Tem a civilização colonial sido objecto da attenção de muitos. Quantas vigílias passadas a procurar a incognita d'esse problema difficil? Quantos discursos, quantos livros, atirados á corrente da publicidade, concernentes a este momentoso assumpto? A insistencia dos publicistas em não desviar attenção dos termos que podem conduzir á solução desejada, significa-nos claramente que se ella é trabalhosa, não é todavia impossivel.

Marquez de Sá, Pinheiro Chagas, Pires de Lima, Luciano Cordeiro, Barros Gomes, Henrique de Macedo, D. Joaquim Reis, D. Thomaz d'Almeida, D. Ayres d'Ornellas, e muitos outros, teem advogado a nobilissima empreza de civilisar os largos terrenos das nossas colonias, que, diz um historiador contemporaneo, só esperam a acção e iniciativa d'um governo intelligente,

para adquirirem um grande desenvolvimento.

Esse governo ha apparecido por certo e reconhecido plenamente a alavanca unica que pode soerguer o nosso mundo colonial com tanto se lhe presente um ponto de apoio. Essa alavanca teem-na apontado alguns; téem na visito todos.

Impera porém em Portugal (e aqui mais que era nenhuma outra nação) uma potencia formidavel, dominadora dos animos fracos, embora potencia sem direito de o ser, e potencia tantas vezes ficticia... Essa potencia chama-se... a OPINIÃO.

Ponha cada um a mão na consciencia, e diga-nos quanta vez inclinou a fronte perante o idolo moderno. Não ha muito, um portuguez de lei, o sr. D. José de Saldanha, propunha nas camaras a salvação das colonias mediante um acto de justiça, ou antes um acto de reparação, dando-se livre ingresso ás Ordens Religiosas. Apenas CINCO deputados tiveram hombridade assás, para se aggreiarem ao benemerito portuguez! Os demais, (e entre elles, infelizmente, alguns sacerdotes), renderam preito á deusa da Opinião.

E' triste, é grandemente consternador, vermos uma nação gloriosa incidir n'um crime infando, impellida tão sómente por uma sombra, uma apprehensão, em nada.

A opinião tambem para nós é respeitavel, quando, como a esposa e a mãe de Coriolano, ou a Débora do povo hebreu, se levanta perante nós, veneranda e grave, unindo sua voz á voz da patria, á voz do dever, á voz de Deus. Honra nos vai, quando, n'esse momento, conculcando acaso nossos interesses, nossas aspirações, o amor da vida, cedemos ao incitamento sagrado da opinião.

Mas quando a opinião é a voz de Cleopatra, desvia-se d'ella os ouvidos, em prol da patria e em vantagem propria, para se não cair na torpeza de attender á praça com menoscabo do conselho, ás lojas em prejuizo da tribuna, aos conventiculos, a um grupo de palradores, á petulancia d'um gazeteiro, com desprezo das assembleias, da representação legal, da responsabilidade d'um funcionario integerrimo.

Proceder d'outro modo é ser cobarde, da mais infame cobardia que se encontra invectivada na historia. Pela maldita opinião, escaceou o animo de valer ás colonias. Um preconceito lamentavel tolheu radicalmente a nossa gloria.

Queriam civilisar, é certo; indicava cada um sua theoria, e faziam se ensaios a verificar-lhes o valor. Em Pemba, por exemplo, se dispenderam boas sommas no louvavel intuito de formar

uma colonia modelo... e qual foi o resultado? Um prejuizo, uma vergonha, um *fiasco*, uma prova emfim do que asseveramos. Saíam estereis as theorias por lhes faltar um elemento importantissimo, indispensavel, essencial. Que vale construir-se o areostato segundo as regras da mechanica, se não ha o gaz conveniente para o fazer elevar? As theorias colonisadoras faltava-lhes o gaz; o missionario ficava em olvido. Tentaram improvisal-o, creando para esse fim Commissões das Missões, a primeira das quaes se deve que farte dinheiro dispendido, nenhuma utilidade pratica, e a quasi destruição do florescente seminario de Macau. Era regresso, quando se requeria progresso.

Boa seria a intenção talvez; mas se o caminho era errado, o desvio tinha que ser igualmente fatal. Fomos os primeiros a descobrir terras, aspiravamos a ser tambem os primeiros a inventar um processo novo de promover a civilização de seus habitantes, instruindo-os e educando-os. N'este presupposto foram ingendrados programmas como os dos nossos lyceus, não sendo para admirar que o resultado fôsse identico. Por isso, apesar das commissões ou juntas das missões, as nossas colonias continuavam a definhar, visto que para a grande empreza de lhes insuflar sangue novo, era debil palliativo, não um collegio das Missões com os seus 100 alumnos, não os indicados no relatório do snr. Luciano Cordeiro, não um cento que nós tivemos.

O clero secular não tem hombros assás fortes que vinguem supportar tão grave peso. Se ha vinte annos emitissemos esta frisantissima verdade, viria sobre nós a critica apaixonada, assoprada pela trombeta sonora da opinião, e sem embargo de nossos pezares houveramos de retirar a expressão perante os protestos que a contraditavam. Hoje não: fortalece-nos irrefragavelmente o voto valioso da experiencia, que ali está, aos olhos de todos, a evidenciar a inanidade dos esforços do clero secular.

Ha muito se escuta appello formal para o concurso prudente do clero nacional, e até hoje, que saibamos, ninguem viu tomar-se em consideração esse appello, ninguem lhe lobrigou ainda uma objectivação promettedora d'um futuro tranquillizador. E porquê? Pela razão simples de ser esse *patriotico appello* um contra-senso, uma utopia, uma casa edificada sobre a areia.

Não ignoramos os meritos do clero secular; é porém certo que de modo algum podemos contar em vel-o praticar impossiveis. Já alguém pensou no sacrificio heroico do ecclesiastico

que podendo viver no reino, onde lhe sobra em que exercite sua actividade, se expatria, se confia ás ondas, se derige aos sertões africanos, ou asiaticos. sem recursos, sem guia, sem tradições a apimarem-lhe os passos, sem a força da obediencia, sem unidade de acção. exposto ás doenças, na expectativa de invalidez, obrigado a caminhar, a caminhar sempre, até morrer estenuado, sem peito amigo que lhe recolha o ultimo alento, sem esperança de ver continuada a obra que inaugurou? Não exaggeramos: cada pagina da historia do padroado é uma prova do que dizemos. Sítios outr'ora regularmente evangelizados, foram postos em completo abandono. Pobres sertanejos do Congo, de Loanda, de Benguella, do Bailundo, do Bihé, alistados no gremio da catholicidade, viram-se sem altar onde adorassem o Deus que lhe fizeram conhecer, sem ministro que os abluisse nas aguas baptismaes e lhes abençoasse os eulaces de familia. Em Pongo Andongo, por exemplo, um anno permaneceram no sacrario as hostias sacrosantas, por ter fallecido o padre e só um anno depois lá poder chegar quem o substituisse!

Que alentos para o clero secular! que delictos a subirem perante Deus, clamando justiça contra uns governos, satanizados em demasia, que levaram tão longe sua sanha esterilizadora, não trepidando em esmagar com pé sinistro a maior ventura, o elemento mais efficaç da prosperidade d'um povo.

A Inglaterra não tem escrupulo em roubar-nos, e queixamo-nos d'ella com todas as veras da nossa alma: queixamo-nos porém mais ainda de quem nos entregou a ella, atrahindo sobre nós a vara da divina justiça.

O clero secular não levantará, não pôde levantar o dominio colonial do marasmo em que o prostraram. Nem lhe apontem para o decreto de 2 de janeiro de 1862 ou para a carta de lei de 28 de abril de 1845, onde, a modo de negação, lhe offerecem no continente beneficios rendosos em remuneração de 9 annos de serviço no ultramar. Qualquer galopim eleitoral, que ficou na patria a desmoralisar os povos com escandalos politicos e não politicos, faria caducar os direitos do benemerito missionario. Toda a gente sabe quanto n'isto ha de verdade, e exemplos vemos por ali a flux, sem que haja necessidade de consignal-os aqui. Não é com doutrinações, aos yagas, bitongas ou landins, que se conquistam as graças do compadrio, indispensaveis para collocação, por cujo motivo os cubiçosos das benesses avantajadas não curam de as merecer medeante fadigas coloniaes, nem os sacerdotes para quem a dignidade ainda vale, certos

d'uma preterição injusta, se animam a sacrificios inevitavelmente retribuidos com dura ingratição e desdenhoso cynismo. Pessoas de bem não fiam de cartas de lei ou decretos do governo portuguez, e ninguem ha a acoiarmos de calumniadores, que retumbam ainda no espaço os clamores erguidos de todos os angulos do paiz, suggeridos pelo art.º 13 do decreto n.º 7 de 11 de fevereiro ultimo. Viu-se então, ao pino do meio dia, que as barbas do snr. Antonio de Serpa, mais os bigodes dos outros jovens ministros, não egualavam o apreço que os moradores de Gôa deram ás de D. João de Castro.

Desattendido por estas razões, e por muitas que nos ficam de reserva, o appello dirigido ao clero secular para o concurso da evangelização colonial, resta valerem-nos do clero regular, ou depôr, como incompetentes, nas mãos da Inglaterra, as nossas preciosissimas colonias, que por certo lhes facultará melhor civilização que a que lhes temos dado, mormente caminhando tão celeremente para o catholicismo como tem evidenciado n'estes ultimos annos, elegendo para os altos cargos a catholicos decididos, PHENOMENO QUE EM PORTUGAL HA MUITO SE NÃO VÊ!

Ou as Ordens Religiosas ou a morte.

(Continua).

## Firmeza?

ONDE está a *Firmeza*? N'um *seculo de papel*, como Gioberti classificou o *decantado seculo das luzes*, não pôde haver *Firmeza* pois que esta só se dá onde ha *força* e o *papel* não é forte. Não é da *força material* que tentamos occupar-nos n'estas linhas, mas sim da *FORÇA MORAL*, de que a sociedade moderna se acha desprovida por culpa dos que se arvoraram e arvoram em *seus guadores*, não tendo aliás nem o merito para serem *seus servos*. Faltando a força moral, faltam as convicções, apparecem os interesses vis e a *consciencia* faz-se *mercado* d'estes. *Convicções!* onde estam ellas? Na sociedade moderna não! Quando os homens põem acima de tudo os interesses vis não ha *convicções*, e isto está tanto *na moda* que corre como *maxima politica* à moda: «Em politica não ha consciencia» como se o homem podéra deixar de ser consciencioso em qualquer circumstancia! O *Modernismo* expressou a *paradoxa maxima* e os *modernissimos* põem-na em practica. Figuradamente, mas expressando um criterio real, disse certo Ministro de Estado: *o estomago (no Modernismo) está acima da cabeça.*



A tanto alcance chegam todos os *do tempo*, e vam *assim*. Com um enfraquecimento *moral* como este, não pôde haver *Firmeza*, e então não admira a lastima com que se apresentam na *sociedade* homens investidos na auctoridade, tomando *hoje* uma acertada resolução *energica* e *amanhã* desculpando-se para com *aquelles* que fôram objecto d'ella; os factos provam o que acabamos de dizer. A auctoridade que não é *firme* no cumprimento do seu dever, ou que busca desculpar-se por o ter cumprido, trahe a sua missão. Sem inteira fidelidade á verdade não pôde haver *Firmeza*; as *idéas modernas* são *infleis d verdade*; logo os homens, que professam taes idéas, não podem ser *firmes*. Com mão de obra e materiaes viciados não se pôde construir edificio seguro e consistente. O que é *commum na vida moderna* é *antes torcer que quebrar*; de isto não faria elogio Sá de Miranda. Os mestres de coser e descozer, nunca tiveram de *voltar tantas casacas*; não digo bem, pois que as *casacas* de agora são voltadas pelos *propios* que *as vestem*, o que tanto tem concorrido para o desprestigio da *auctoridade*, que tantas vezes, n'essa sociedade inferna, é logo desprestigiada pelo homem que n'ella foi investido. Não acontece assim na *Sociedade Egreja de Deus* onde a *Firmeza* sempre foi sustentada, é e será! Os Confessores e os Martyres fazem prova, e, á Cabeça do *Exemplo*, a está dando Sua Santidade o Pontífice-Soberano; sim, do *exemplo primario* em nossos dias! N'isso que se diz *politica*, e o é *sem consciencia*, a *fraqueza* está-lhe inherente e, de tal arte, a *Firmeza* é-lhe *mais que antipoda*, pois que lhe faz declarada antithese; v. gr., muda o *ministerio*, e vem logo a pergunta: Os *Senhores Ministros*, como taes, sustentam o que sustentavam quando eram *Opposição*? Prova de que se duvida, ou não se acredita na exigida *Firmeza*; e melhor é que não haja *firmeza* no que não tem por fundamento a Verdade! A França, p. ex., tem tido em 75 annos 5 *constituições* ou formas politicas *constitutivas* da nação; nos tempos passados as *constituições* (no sentido em que acabamos de tomar tal designação) duraram seculos, e a razão é porque, então, havia *Firmeza* e agora ha *fraqueza*. Nos *escriptores* da moda, e á moda, não é rara a mudança de opiniões, mas ficando o mesmo *fundo* e por consequencia a impossibilidade de *Firmeza*. A mudança pôde ser louvavel quando nos termos da sentença: *Sapientis est mutare consilium!* Por effeito de esta sentença, quantos homens se tornaram louvaveis e prototypos de *Firmeza*! A pertinacia não torna os homens *firmes*, pois que ella se funda

n'um conceito errado e d'este modo falta-lhe a base indispensavel á *Firmeza*. Donoso Cortez, o grande Valdeguas, tornou-se *firme* depois que expurgou sua alma de toda a idéa moderna e se apresentou publicista catholico; e como este, Luiz Veuillot e ainda outros, que mais ou menos da escolha moderna passaram, arrependidos, para a escolha da Verdade Eterna. Deos se digne dar-nos a Graça para a Verdade, e para a *perseverança* n'esta, até ao fim e de tal modo sermos homens de *exemplar Firmeza*! Antes das innovações, era *commum* achar homens *firmes como uma rocha*; hoje só se encontram *firmes* os que se não deixam ir na *alluvião moderna*. Que *desgraçadissima* prova da falta de verdadeira *Firmeza* não é, v. gr., essa successão diaria de suicidios, havendo-os de toda a especie e nos dous sexos, sem que faltem suicidas velhos e suicidas creanças; é um horror! A sociedade está estragada; n'ella, o mal claro é *immenso*, e por certo o acompanha o mal occulto e disfarçado e que todos os dias se vai manifestando: *Nihil occultum remanebit!* E de inais a mais, a mocidade apresenta-se *tanto de modo* que d'ella se faz temer um provir não menos tenebroso! Que os *firmes* na verdadeira *Firmeza* se tenham de maneira que não venha um futuro *de todo perdido!*  
26—2—90.

Dom Antonio de Almeida.

## SECÇÃO ILLUSTRADA

### Festa do bairro

(Vid. p. 133)

MEMORIAS dos tempos felizes d'outr'ora! Não vai longe que em cada largo se erguia um cruz, em cada praça um padrão armando baldaquino sobre uma estatua da Virgem ou do Crucificado, em cada rua um nicho singello de architectura modesta, jarras floridas, alampada pendente, e lá dentro uma imagem veneranda, invocada pelos moradores da rua e no dia proprio festejada solemnemente pelo concurso de todos, cada qual mais sollicito, um a offerecer as velas, outro a carrear as murtas para alfombrar o chão, aquella a suspender umas cortinas que bordara, esta a examinar-lhe curiosa o effeito que produzem, as creanças absortas no conjuncto harmonioso d'aquelle altarsinho tão querido e tão sympathico.

Examinai a gravura: mão de mestre se esmerou em reproduzir fielmente a scena interessante d'este jubilo de visinhos, tão de feição a extinguir odios, a enraizar amizades, a dourar os dias

da infancia, da juventude e da velhice, aggrupando a todos, enlaçados por affecto depretençioso e sincero, em torno da padroeira commum, deante da qual se não acham bem as almas corroídas pela preversão nem os corações saturados pela torpeza do vicio.

Felizes tempos esses, em que o povo, para divertir-se, não transpunha, com a assiduidade contemporanea, os sujos hombraes da cantina ruinosa. Danno profundo ha causado o espirito moderno n'estes ingenuos costumes do nosso povo, derruindo-lhe os monumentos preciosos de sua fé e substituindo-os pelos de personagens inimigos da religião e consequentemente inimigos fataes da sua patria. Volvida porém a noite, surge de novo a alvorada: aguardemos que em breve passe uma epocha nefasta, dando lugar a outra, de regeneração e de luz.

### Ilhas Borroméas

(Vid p. 139)

Ao norte da Italia, separando o Piemonte da Lombardia, estende-se o Lago Maior, banhando o sul do cantão de Tessino, na Suissa, com uma extensão de 64 kilometros e 7 na sua maior largura. O lago, sustentado pelo Toce, o Stroma, o Maggia, o Tessino, o Tresa, o Bardello, o Verzasca, o Cannobbino e o Giverno, offerrece uma profundidade variavel entre 63 e 800 metros, proporcionando facil navegação entre as povoações marginaes, cujas mais notaveis são Locarino, Intra, Pallanza, Arona, Angera e Laveno.

No golpho de Pallanza, ostentam-se as quatro ilhas Borroméas, *Isola dei Pescatori*, *Isolino di San-Giovani*, *Isola Bella* e *Isola Madre*, d'um clima suavissimo e uma vegetação luxuriante, quasi tropical, enriquecida por uma abundancia notavel de limoeiros, laranjeiras e magnolios. Estereis até 1670, devem a importancia que hoje teem ao conde Vitaliano Borromeu, que as transformou completamente. A *Isola Madre*, representada na gravura, maior que as outras porém menos ornada, tem quatro terraços, coroados por um palacio. A *Isola Bella*, com dez terraços em abobada, elevados 32 metros sobre o nivel do mar, rematados por um palacio, circulado de jardins formosissimos, é a mais notavel de todas. Da ultima plataforma, contemplando-se a vista geral da ilha, a amplitude do lago, as praias limitrophes, as collinas accidentadas da Sardenha e Lombardia, e por fim os Alpes nevados, que se desdobram a norte, gosa-se um d'aquelles phantasticos panoramas que poucos se encontram, na superficie da

terra, de feição a absorver tão plenamente a admiração do observador.

Napoleão Bonaparte, na sua primeira campanha da Italia, passou alguns dias n'esta ilha encantadora.

## SECÇÃO LITTERARIA

### Na morte de João de Lemos

Alma feita de luz, cheia de fé immensa,  
Envolta em crepe jaz a lyra sublimada,  
Onde entoaste em vida as iriações da crença!

Mas ficon-nos a luz da tua alma de crente  
Nas limpidas canções da lyra genial,  
Onde cantaste o Bem—esse astro reluzente,  
O' poeta glorioso, ó cantor immortal!

Seminario d'Angra

*Osorio Goulart.*



## PORTUGAL

I

Quem és tu, pobre velho? Porque choras  
Assentado á beira-mar?  
Porque levas assim magoadas horas  
Co'as ondas a suspirar?

Das rugas através, inda da gloria  
O rasto, que lá deixou;  
Mas tu tão triste, como heroe da historia  
Que a fortuna abandonou!

Longo, robusto o braço, era cahido,  
E em cada gesto dos teus  
Iuda memoria de o trazer erguido,  
Sem temer senão a Deus!

Quem és, dize, que Hercules prostrado?  
Que guerreiro? Que senhor?  
Que monarcha do throno derribado,  
Vencido, de vencedor?



ILHAS BORROMÉAS

Caiste fulminado á lubrica rajada  
Da morte—essa afanosa e perfida tyranna,  
Que tem a fronte negra e a mão enregelada.

Trovador! conheceste o mundo quanto engana!  
Em quantas illusões a alma devaneia  
Para alcançar a Gloria—essa esvelta sultana!

Tu foste um seismador,—uma alma que vagueia,  
E nos cantos gentis do teu estro famoso  
Vê-se distinctamente um lyrico—uma ideia.

Já não podes soltar o trino' harmonioso,  
Feito d'amor e fé, feito de crença ardente,  
Em que embalaste outr'ora o coração fogsoso.

Que roto manto é esse que te cobre?  
Que livro é que tens na mão?  
E' tua, já te ornou a fronte nobre  
A cr'oa que tens no chião?

De que era essa cruz? Porque essa espada  
Tens partida sob os pés?  
Que bandeira é que ahí tens enrolada?  
Responde, ó velho, quem és?

Tão grave e bello o venerando aspecto!  
Nos olhos tão pura luz!  
D'uma alma grande esse tão grande affecto,  
Que em tua face reluz!

II

Quem sou... quem fui? Toda a terra  
Que o diga, que o aprendeu;  
Diga-o na paz e na guerra,  
Diga-o ella, que não eu!  
Quem fui, que o digam cem povos,  
Que o digam os climas novos  
Por onde primeiro andei;  
Que o digam christãos e mouros,  
Que o digam trophéos e louros,  
Que eu nem dizê-lo já sei!

Porque choro? Porque os trilhos  
Que da honra na estrada fiz,  
Não vão trilhados d'uns filhos,  
Que Deus dar-me agora quiz;  
Porque esta fronte abatida,  
Porque esta barba carpida  
Tenho da mão de villões;  
Porque vou, pobre e humilhado,  
De dia a dia arrastado  
Ao sepulcro das nações!

Gemo co'as ondas, porque ellas,  
Nos tempos do meu poder,  
Viram-me as glorias mais bellas  
E gemem de as já não ver.  
No berço, viram-me infante,  
Depois, erguer-me gigante,  
Tomar-lhe o sceptro na mão,  
Traçar ao mundo outras raias,  
E ir de praias em praias  
Cingil-o, como ellas vão!

Andamos juntos por annos,  
E, pagos de igual amor,  
Nem lhe eu temia os enganões,  
Nem ellas ter-me senhor;  
Eu, por estradas ignotas,  
Andava nas minhas frotas  
Sua grandeza a mostrar,  
Ellas, despindo a braveza,  
Andavam minha grandeza  
Aos povos a apregoar.

Este manto? Já foi manto,  
Já foi um manto real;  
Havieis de vê-lo em quanto  
Sem rasgões brilhava igual;  
Ninguem sequer lhe tocava,  
Tudo o que à sombra lhe estava  
Era seguro de vez;  
Se lhe tocassem veriam  
Que em lanças logo se erguiam  
As proprias pedras talvez!

Viessem co' a confiança  
Com que hoje cuspi-o vem!  
Viessem as naus da França  
Que era então que vinham bem.  
Mas hoje?... Depois de roto?...  
Quem já deu palmas e voto  
A's mesmas naus, que fará?  
E' só tragar-lhe a violencia,  
Ver talião na Providencia,  
E bravejar-lhe... de cá!

O livro? E' o meu livro amado  
O meu registro immortal,  
Do meu genio o alto brado,  
Do meu brado o som final;  
O livro é a historia de um povo  
Cantada n'um canto novo,  
Qual ninguem cantou assim;  
O livro é o meu monumento,  
Camões, é o meu testamento,  
E' quanto agora ha de mim!

A c'róa? Sim, era minha,  
E que eu fiz co'as proprias mãos;  
Mais nobre ninguem a tinha,  
Era um emblema de irmãos!

Por penhor d'alta victoria,  
Fil-a do ouro da gloria,  
Da liberdade ao calor,  
E depois, na pedraria,  
A joia que mais luzia  
Era dos povos o amor.

Esta Cruz? E' a que eu trazia  
Da espada christã ao pé,  
Quando a terra e o mar corria  
Co'amor da gloria e da fé;  
Esta Cruz é a que eu plantava,  
Arvore que libertava,  
Nas terras que conquistei;  
Esta é a Cruz dos meus valentes,  
Que ao meu Deus dava mais crentes,  
Mais vassallos ao meu rei!

A espada? A espada partida  
Era essa espada de então,  
Mal da bainha saida  
Ramo de louro na mão!  
Era a do filho de Henrique,  
Era a do Campo d'Ourique,  
Era a dos mouros terror;  
Era a espada formidavel  
Do Mestre, do Condestavel,  
Do direito e do valor!

Esta bandeira enrolada?  
Era a minha, a còr o diz;  
Branca, branca, immaculada  
Como a honra do paiz;  
No meio, por mãos divinas,  
Tinha estampadas as quinas  
Como Camões o cantou;  
D'essa crença se illustrava,  
D'essa crença mais ousava,  
N'essa crença triumphou!

Era a bandeira, era aquella  
Que assim que vinha a surgir,  
Logo o leão de Castella  
la atterrado a fugir.  
Era aquella que, n'um dia,  
A captiva monarchia  
Fez livre, n'um dia só;  
Foi só mostral-a aos tyrannos  
Ao cabo de sessenta annos,  
E vê-os cahir no pó!

Era aquella que ainda em gralhas  
Soube as aguias transformar  
Quando o genio das batalhas  
A quiz co'a espada rasgar;  
Era aquella que offendida  
D'essa ousadia sabida  
Do leopardo bretão,  
Ahi, corrido de pejo,  
Luda o soube, ahi, ao Tejo  
Trazer a dar-lhe razão.

Agora, tenho-a enrolada,  
E outra... outra... e por quem?!...  
De estrangeiros escoltada  
Veio essa que ondeia além;  
Veio pôr sombra nas quinas,  
Veio, pendão de ruinas,  
Um povo em dois dividir;  
E das ruinas na poeira,

Mortalha em vez de bandeira,  
Nem chega para as cobrir!

Agora, o leão de novo  
Tenta as garras estender,  
E acha cá quem o povo  
Nas garras lhe ande a metter!  
Não traz a vencida lança,  
Traz nos tempos posta a esp'rança,  
Tral-a no triste labeu  
D'um patriotismo já morto,  
Que «Montes Claros» e «Porto»  
Grava no mesmo tropheu!!

Agora, as aguias passando  
Vem-me esta face agoitar,  
Vejo-as depois ir voando  
E apenas posso... córar!  
Só córar!... E duas vezes!  
Que em vez d'uns sons portuguezes  
Pela bocca do canhão,  
Ouço um som contra a verdade  
A dizer que a liberdade  
Veio de França!... A mim, não!

A minha, nasceu commigo!  
Nem o pendão tricolor  
Podia trazer comsigo  
Da liberdade o amor.  
Conheço-lhe a historia, vi-o,  
D'um povo no desvario,  
Envolto em sangue nascer,  
Tendo por hastea ferina  
O ferro da guilhotina  
De dia e noite a ranger!

Vi-o alli salpicado  
Do martirio d'um bom rei;  
Vi-o, c'o mundo assombrado,  
Sem c'róa, sem Deus, sem lei;  
Vi-o c'um despota alçar-se,  
Vi-o co'as aguias c'roar-se,  
Vi-o em Vincennes tambem;  
Vi-o emfim frente a frente:  
Louros? Tinha os de valente;  
Mas de livre?... Os que hoje tem!

Ah! E o leopardo altivo,  
Que eu fiz grande e d'ouro enchi;  
Que achei inda captivo  
Quando já livre nasci;  
O leopardo insolente  
A quem mostrei o oriente,  
A quem fui mostrando o mar,  
Agora, fera crescida,  
No seio abre-me a ferida,  
Em castigo de o crear!

Agora, depois de atar-me  
Pouco a pouco ao carro seu,  
Depois de vir mutilar-me,  
E por mão d'um filho meu,  
Pòz-me ahi nos mares bravos  
Só sentinella de escravos  
Seu int'resse a defender,  
E se vê no ar alçada  
Do negreiro a bofetada,  
Deixa-m'a a mim receber!



O meu pranto é, pois, agora  
O que inda nobre ficou,  
Saudade do que já fôra,  
Vergonha do que hoje sou!  
Morrer, morrer saberia,  
Tivera, por Deus teria,  
O valor que vem da fé,  
Mas fosse morte d'honrado,  
Fosse a morte d'um soldado,  
Arcabuzado... de pé!

Tens razão, triste velho; mas podem  
Alguns prantos os teus consolar;  
Inda ha olhos onde elles acodem,  
Tão fleis como vés esse mar.

Tens razão, triste velho; mas peitos  
Inda em muitos teus filhos verás  
Na vergonha e na dor mal sujeitos,  
Que bastardos a força não faz.

São protesto inda vivo; os impulsos  
Vem-lhes livres por livres brazões  
Sempre audazes sacodem os pulsos,  
São escravos mordendo os grilhões.

Oh! se um dia, tu mesmo liberto,  
Lhes podesses emfim dar signal,  
Inda os viras co'a gloria, de certo,  
Vir c'roar-te essas cans, Portugal!

Inda, sim, se as feridas rasgadas  
Nas discordias civis, tu então  
Nem ao menos as visses lembradas,  
Sendo a gloria do irmão a do irmão.

Inda, sim, inda, athleta cahido,  
Te poderas do chão levantar,  
Porque o mundo inda é grande, e rendido  
Inda tens a teus pés esse mar.

Mas se deves escravo humilhado  
Para sempre em teus ferros jazer,  
Não, não queiras viver deshonorado,  
Vale mais para sempre morrer.

Ergue então do occidente no extremo,  
Samsão novo, o teu braço a final,  
E não deixes no esforço supremo  
Nem ruinas sequer, Portugal!

João de Lemos.

## SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Festa na Associação Catholica do Funchal por occasião do anniversario natalicio e coroação do SS. Padre Leão XIII.

ESTEJOI-SE como de costume, no dia 2 de março, o faustoso e amplo anniversario do Pontífice reinante.

O salão mais vasto do Paço episcopal, concedido benevolmente á «Associação Catholica» por

sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, achava-se repleto de pessoas de todas as classes sociaes. Assistiu, além do Ex.<sup>mo</sup> Prelado, o illustre governador civil e outros altos funcionarios d'este districto.

Abriu a sessão, como nos annos passados, o Ex.<sup>mo</sup> sr. dr. João Baptista de Freitas Leal, Presidente d'aquella Associação, por um magnifico discurso sobre os factos mais caracteristicos do reinado de Leão XIII, especialmente d'este ultimo anno. Junctou ás suas glorias, tambem as tristezas e amarguras, porque S. Santidade acaba de passar, pelo fallecimento de seu irmão o cardeal José Pecci. Terminado este discurso, que foi muito applaudido, os alumnos do seminario diocesano executaram o hymno consagrado a Leão XIII; e pouco tempo depois subiu á tribuna o Rev.<sup>mo</sup> sr. conego commendador Antonio Ayres Pacheco. O erudito orador, estigmatizando os anniversarios celebrados para satisfazer odios e propagar a impiedade, fez uma apologia brilhante d'aquelles que só teem em vista fazer amar o que é amavel e respeitar o que é respeitavel. O seu bello discurso terminou por estas emphaticas palavras:

Viva a Cruz e viva o Papa!  
Viva a Patria e viva o Reil

A pedido do sr. Presidente, a que generosamente annuiu, o nosso amado Prelado subiu á tribuna e dirigiu aquella illustrada assemblêa palavras de pae e pastor, que emocionaram os corações de todos. Escolheu por assumpto dous pontos do discurso do sr. dr. Leal, principalmente—a questão operaria e a influencia de Leão XIII na solução d'esta questão.

Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup>, depois de ter falado com verdadeira eloquencia acerca d'esta questão, e da grande coragem e caridade do cardeal Manning, fazendo a paz entre os 80:000 operarios das dockas de Londres, revoltados, e seus respectivos patrões, concluiu que só a Igreja podia cabalmente resolver a questão entre patrões e operarios; «que uns e outros, exclamou o orador, tornem a ser verdadeiros e sinceros christãos, e a questão social está resolvida!»

Assim terminou aquelle dia tão solemne e sympathico para todo o coração catholico; e assim se celebrou no Funchal o 12.<sup>o</sup> anniversario de Leão XIII, o qual no meio das guerras que lhe movem a impiedade e ambição, se apresenta cada vez mais magestoso, e cada anno que passa, é mais um jacto de luz a aureolar-lhe a frente.

Receba a Associação Catholica do Funchal as nossas mais sinceras felicitações por tão brilhante e sympathica festa, que soube proporcionar-nos,

Foi um fecho d'ouro para as conferencias mensaes d'este inverno, que organisou, mais humildes, mas talvez não menos instructivas e proveitosas.

Um assignante do *Progresso Catholico*.

## RETROSPECTO

*Attentado contra o Ex.<sup>mo</sup> Bispo do Funchal.*—Foi com geral e profundissima indignação, que no dia 28 de março os funchaleenses receberam a noticia d'um attentado revoltante, que tinha sido commettido na madrugada d'aquelle dia contra a pessoa do nosso venerando e muito amado Prelado.

O proprio «Diario de Noticias» do Funchal do dia 29, jornal, que aliás poucas ou nenhuma sympathias nutre para com o nosso Prelado, escreve assim:

«Barbaro attentado. Duas bombas de dynamite

«Hontem de manhã cedo começou de circular n'esta cidade o boato de que tinham sido atiradas duas bombas de dynamite á residencia do ex.<sup>mo</sup> prelado d'esta diocese, á Penha.

«Logo que este boato chegou ao nosso conhecimento, mandámos pedir informações.

«Infelizmente era verdade o que se dizia áquelle respeito.

«Na madrugada de hontem—tres horas da manhã approximadamente,—explosiram duas bombas de dynamite, com intervallo apenas d'alguns segundos, uma, junto da porta da residencia de s. ex.<sup>a</sup> rev.<sup>ma</sup>, e outra, a que devia ter sido lançada do adro da capella de Nossa Senhora da Penha, para dentro do quintal, abalando a casa toda, quebrando vidros, despedaçando parte d'aquella porta e causando outros estragos.

«Eis, em poucas linhas, o infame attentado de que foi alvo a residencia do ex.<sup>mo</sup> prelado d'esta diocese; attentado que trahe a grande perversidade do seu auctor ou auctores; e contra o qual protestamos, com toda a energia de que somos capazes, pedindo ás auctoridades competentes que empreguem todos os seus esforços para que descubram os malvados que, estando na posse de dynamite, praticam attentados tão covardes e tão selvagens, fados sem duvida, na impunidade.

«É preciso que d'uma vez para sempre se fique sabendo como é que a dynamite cabe tão facilmente em poder de particulares que, quando não a empregam na pesca, servem se d'ella para commetter attentados d'esta ordem.

«Crimes, com a gravidade d'este, devem ser punidos com o maximo ri-

gor, e por isso é da maior necessidade que se descubra quanto antes o seu auctor ou auctores, alim de que não lique impune semelhante monstruosidade para honra de todos os que prezam a dignidade humana.

«Esperamos que as auctoridades competentes procederão n'este caso, como lhes cumpre. Ficamos de atalaya.»

No mesmo sentido fala o «Reclame» da mesma data. E se assim falam e sentem pessoas, que de modo algum brilham por sentimentos catholicos, o que não se passaria nos corações de tantos fervorosos catholicos, de tantos amigos e admiradores sinceros e dedicados que S. Ex.<sup>a</sup> conta entre catholicos e não catholicos, entre nacionaes e estrangeiros?

Sempre admirámos e venerámos o Prelado funchalense, por vermos n'elle o modelo d'um bispo catholico, um verdadeiro homem de Deus, um apostolo que n'este mundo não tem outra cousa em vista que o bem-estar espirital e temporal dos seus diocesanos; jámais recorre a medidas de rigor sem ter exgotado todos os meios da brandura e persuasão: pois nunca pa-receu D. Manoel Agostinho Barreto tão grande, tão sympathico e digno do entusiasmo de todos os corações nobres, como na madrugada do dia 28, entre os estilhaços das portas e janelas da sua humilde residencia.

Passados apenas tres dias, prégara um eloquentissimo discurso em honra de Nossa Senhora de Lourdes, no qual enterneceu até ás lagrimas todos os ouvintes; cinco dias antes terminara a série dos seus sermões quaresmaes na Sé Cathedral, que sempre deixam uma profunda impressão em todos os ouvidos sinceros; ainda ha poucos mezes mandara abrir à custa do seu proprio bolso duas escolas nos arredores da cidade para cerca de 200 creanças, que sem esta escola teriam ficado sem instrucção ou teriam perdido a sua fe em escolas de calvinistas; acabara de ceder 25 % da sua congrua do mez passado em proveito da defeza nacional e 5 % para todos os mezes seguintes: em recompensa de tudo isto e de mil outras obras de caridade, pois n'ellas se consomem todos os seus dias, vê-se vil e cobardemente assaltado nas trevas da noite, e sem uma protecção especial da Virgem Santissima talvez teria sido victima dos malvados perseguidores.

Pois tão negra ingratição não o abalou no seu caminho nem um instante! Ninguém como elle guardou, no meio de tao medonhas detonações, toda a paz do espirito e serenidade d'alma.

Como se nao succedera nada, foi fazer sua oração e celebrar o santissimo sacrificio da missa na forma de todos

os outros dias, para em seguida ir assistir, na extremidade opposta da cidade, a uma festa de Nossa Senhora das Dóres, na qual tambem prégou, sempre incançavel, sempre prompto a pagar com sua propria pessoa, aonde se tracta de fazer bem ao proximo.

Mas como é possível, perguntará o leitor, que um homem de tanta caridade, de tanta piedade e rectidão seja odiado e perseguido? Não se admirara, reflectindo que o proprio Homem-Deus teve a mesma sorte. Quem conhece o Prelado funchalense, tal qual é na realidade, não pode deixar de amal-o. Para corações rectos, conhecel-o é amal-o; só o odeiam aquelles que não avaliam seu merito pelas obras que pratica, mas pelas calumnias infames d'um «Latego» ou «Combate», papeluchos adrede criados e sustentados por homens que trazem estampado na fronte o labéo da immoralidade ou do orgulho desmedido. Estes na pessoa do virtuoso Prelado acharam uma barreira insuperavel ás suas paixões, e pretendem vingar-se e saciar seus rancores, espalhando entre o povo ignorante e ingenuo, por meio da imprensa, toda a qualidade de infamias, já mentindo descaradamente, já deturpando as intenções mais rectas. Mas nada talvez tanto desmascarará os inimigos do nosso admiravel Pastor, nada abrirá mais os olhos a muitos ingenuos até hoje enganados, nada lhe ganhará mais os corações de todos os homens de sentimentos honestos do que o attentado hediondo e brutal d'este dia!

Funchal 29 de Março de 1890.

\*\*\*

*Brazil.*—Não nos temos descuidado de mostrar a nossos leitores alguns traços da impia republica, obra de ambiciosos e nao de patriotas, derrubadora do imperio por interesse proprio, sem que o amor do povo entrasse para coisa nenhuma nas suas proezas revolucionarias. Vá mais um retoque, d'um valor singularissimo, proprio a revelar em toda a luz as desordens que está causando a republica, e as peiores por ventura que se pronunciam no futuro.

Ouçamos o snr. Bispo do Pará, que escreve a uma folha de S. Paulo:

«Permitta-me a egregia redacção do «Correio Paulistano» que eu rectifique um topico da correspondencia do Rio, exarada em um dos seus ultimos numeros, com referencia à attitude do Episcopado na nova era que se abre para a Igreja do Brazil.

«Diz o primoroso escriptor que os sinos das cathedraes, que no tempo do padroeiro tocavam alarme ao minimo assalto dado aos direitos da Igreja, permanecem agora mudos depois da

decretada separação da Igreja do Estado.

«Não é exacto. Os sinos das cathedraes não farão ouvir, por certo, repiques levianos nem dobres funebres; mas a chamada, amorosa e urgente, dos fieis para a paz, para a concórdia, para a pratica da religião e o respeito da lei, essa a farão elles breve ecoar e bem alto: e esses echos hão de repercutir sonorosos até ás ullimas quebradas e montanhas da nascente republica.

«O Episcopado brasileiro vai dirigir-se à Igreja toda do Brazil por meio d'uma pastoral collectiva—e é o que explica a demora.

«Vai levantar voz solemne, calma, cheia de sabedoria, na altura da evolução historica que atravessa o nosso paiz, voz vibrante, ao mesmo tempo, de fé e patriotismo.

«Mantendo a doutrina catholica sobre a união dos dois poderes; lamentando a separação, que a ambos é penosa, mas de muito maiores danos para o Estado; não eufeuando os interesses permanentes da religião às vicissitudes de politicas dynasticas; pairando em alturas serenas onde não reinam os odios, as hostilidades, os interesses mesquinhos dos partidos, o Episcopado mostrar-se-á digno da sua augusta missão.

«Livre das peias do regalismo, elle entra animoso e confiado em Deus no novo regimen da liberdade; encara sem desmaio as dificuldades da presente situação, prompto a todos os sacrificios, cada vez mais empenhado na diffusão do Evangelho, que é o sangue arterial que mantém a vida no corpo das grandes nações prosperas.»

A dignidade, o zelo, a sciencia, de que por largo periodo de seu apostolado tem dado provas o eximio antistite, de harmonia com às palavras que vimos de expor, annunciam-nos, com plena segurança, que mais um feito brilhantissimo da Igreja brasileira se vai começar a insculpir.

Estenda pois Deus mão protectora sobre o episcopado brasileiro e colha este mais uma vez o louro de seu glorioso combate.

Da republica de lá aprendam os ingenuos portuguezes as venturas que nos aguardam, se algum dia tal systema for ensaiado em Portugal. A republica será açoute providencial castigando os peccados nacionaes, mas o que não é nem pôde ser é um triumpho, um gozo, um elemento de ordem. Por ser o maior mal, terá por successor o bem? Talvez; mas prudencia fôra evitarmos esse maior mal e desde já arripiarmos carreira para o bem. Os revolucionarios victalicios, a praga maior dos tempos modernos, não param na

republica: miram à aniquilação de toda a auctoridade. Em 1879 dizia Luiz Blanc: «Ila que reformar a republica, suprimir as despezas do culto e o monopolio do ensino clerical, eleger uma só camara. Nada de exercito, mas sim milicias nacionaes.»

Cuidado, muito cuidado com a republica.

#### Conferencia de S. Vicente de Paulo

—A benemerita associação, estabelecida em Guimarães, publicou seu relatório concernente ao anno de 1889, do cumento que a honra sobremodo e cada vez mais assegura aos desvalidos quanto se vai tornando mais estavel uma instituição tão fecunda em benefícios. No anno findo, dispendeu cerca de 300\$000 reis em donativos aos pobres; «e, diz o relatório, contribuiu para o casamento d'uma pobre; conseguiu se legitimassem duas uniões illicitas; obteve a admissão de duas creanças, como gratuitas, em uma eschola; mandou fazer um fato completo para uma creança carecida de todo o agasalho; distribuiu nove mantas por necessitados; ministrou diferentes objectos de roupa a grande numero de indigentes. Emfim, acompanhando a esmola temporal da espirital, não deixou de aconselhar aos pobrinhos a resignação à vontade de Deus, a paciencia no sofrimento, a esperança na vida futura. A Congregação de Maria Immaculada, obra e iniciativa da Conferencia, tem produzido copiosissimos fructos, achando-se aggregados, canonicamente, associados em numero superior a cem, e tendendo a subir.

Estes associados, bem como muitos que aspiram a sel-o, assistem na quasi totalidade às praticas e communhões mensaes com bastante aproveitamento espirital; motivo este, por certo, para orgulhar esta conferencia de tão pio empreendimento.»

Valendo-nos das expressões do relatório, anhelamos summamente, «que Deus fecunde com sua divina graça os trabalhos da Conferencia e os coroe de bom exito, e derrame Maria Sanctissima suas benções por sobre uma obra que está sob seus auspicios, que é inteiramente sua.»

*Feixe de noticias.*—Antonio Ennes Bergeret, desprestigiador do catholicismo genuino e apothéosista do liberalismo maçónico, foi eleito deputado por Quilimane, obtendo 13:000 votos! Saberia aquelle povo quem era o impio Antonio Ennes, pago pela maçonaria com gorda pítançã de libras para escrever um drama infame? Não o sabia de certo; por tanto, semelhante eleição foi mais uma torpe iniquidade commetida à sombra do *systema que felizmente nos rege.*—Na passada quaresma, os benemeritos Padres Bento Rodrigues,

Assumpção e Villela, da Companhia de Jesus, missionaram com notavel fructo. na cathedral de Lamego. Em Braga, na Igreja dos Terceiros, houve retiro espirital para os associados da Conferencia de S. Vicente de Paulo, dado pelos Rev. Padres Pereira e Rodrigues, da mesma Companhia. Em Paris (que não ouçam isto os que dizem estarem expulsas de França as Ordens religiosas) foram os sermões quaresmaes pré-gados por 17 jesuitas, 12 dominicanos, 4 capuchinhos, 3 oratorianos, 3 carmelitas, 2 redemptoristas, 1 agostiniano, 1 lazarista, 6 missionarios apostolicos de diferentes congregações e 3 bispos.—Em 31 de março, o Rev. Padre Monsabré despedia-se em Notre Dame de seu escolhido e numerosissimo auditorio, da maneira seguinte: «Amigos meus, eis as minhas palavras derradeiras, que me sobem aos labios depois de me haverem partido o coração, pois, desde ha vinte annos que se encontram unidas nossas almas na verdade divina, aprendi a amar-vos e sinto-me preso a vós por uns laços que se não podem quebrar sem dôr profunda. Quizera falar-vos ainda; mas a velhice que vejo accommetter-me e as forças que me abandonam, avisam-me que não mais terei vigor para encetar nova jornada e é affim chegado o tempo de calar-me. No emtanto continuaremos unidos: eu, na solidão, onde vou preparar-me para a viagem da eternidade, terei sempre deante de meus olhos o meu grande e bello auditorio de Notre Dame, e, inválido já para fêr-lhe o coração com a flecha de minha palavra, enviar-lhe-ei de longe a flecha de meu amor, a flecha de minha oração.» Commoção electrica abalou aquella massa compacta de fleis, e torrentes de lagrimas sentidas correram em homenagem ao grande orador christão, que largos annos pairou no céu da Igreja como um astro fulgentissimo.—A catholica Friburgo, na Suissa, onde ha tanto o partido catholico tem revelado prodigios de actividade, e desde 1857 tamanho influxo incute à causa da igreja, acaba de fundar uma Universidade catholica, sendo os estudos theologicos confiados aos frades de S. Domingos. O sancto Padre Leão XIII nomeará todos os professores. Quanto a isto, em Portugal, vive-se de desejos. E' uma pena!—Em Castellon de la Plana, um zeloso sacerdote escreveu, na Revista *La Verdad*, um notavel artigo impugnando o casamento civil entre os catholicos, appellidando a este ignobil convenio *vergonhoso concubinato*. O *livre-pensadetrismo*, que, déspota e illogicamente, coarcta o pensar que não lhe agrade, instaurou processo ao illustado sacerdote. Foi quanto bastou para que o prelado da diocese (Tortosa)

saisse immediatamente a campo, dirigindo um officio ao governo em defeza do sacerdote, e uma pastoral aos fleis, em que se liam estas textuaes palavras: «Esses desventurados catholicos, unidos apenas civilmente, expõem-se aos tormentos do inferno, se morrem em seu peccado, *n'esse concubinato em que viveram*. Eis o que vos declara o vosso bispo, com a Igreja vossa Mãe; eis o que elle vos declarará até à morte, condemnando e reprovando o mal chamado *casamento civil* entre catholicos, como a Igreja o reprova e condemna.»

—A conferencia de Berlim terminou seus trabalhos no dia 30. A agencia llavas annunciou ser de pouca utilidade a conferencia, por terem seus membros attribuições mui restrictas. Todavia, a Igreja, viu alli advogada a necessidade d'um dia de descanso, e quando se tractou de fixar o dia, todos os conferentes, com excepção dos da França, foram unanimes em designar o domingo. Entre o imperador e o Sancto Padre trocaram-se por esta occasião cartas mui attentiosas, o que nos significa ter o imperador modificado um tanto suas idéas, olhando o Vigario de Jesus Christo com maior respeito que por occasião de sua visita a Roma.—Mazzini, o grande revolucionario, inimigo terrivel dos thronos, vai ter seu monumento em Roma. Foi esta idéa colorosamente advogada no banquete maçónico, realisado em 2 de março, sob presidencia de Adriano Lemmi, grão-mestre da maçonaria italiana. Estavam presentes doze deputados, e os ministros Crispi, Seismith Doda e La Cava, enviaram cartas de adhesão.—O Anjo do exterminio paira de continuo sobre a terra: New-York foi victima d'um cyclone terrivel, que deixou em sua passagem mais de 800 cadaveres, 300 dos quaes n'um baile, que n'aquelle momento se realizava no palacio da camara: do logar do divertimento mundano para o tribunal de Deus é transito devéras pavoroso. Junto de Brisbane naufragou o vapor inglez Guetta e com elle 113 passageiros.—A grande questão contemporanea é a questão operaria: serenada (que não extinta) n'uma parte, logo se manifesta n'outra. Agora é a Allemanha quem mais soffre: na Westphalia, em Lubeck e Hamburgo, tomaram as greves um aspecto assustador, exigindo os operarios augmento de salario e reduccão a 8 horas diarias do tempo de trabalho. O triumpho das eleições excita de tal sorte a demagogia, que os politicos hão de ir intendendo que o remedio para tudo isto é somente o influxo da Igreja Catholica, ensinando aos chefes a benignidade e aos subditos a obediencia. Deus é o legislador supremo; sem Deus não ha paz no

mundo.—No Havre foi condemnado a... quinze dias de prisão um professor atheu. que matou um alumno a pontapés. Não consta que a imprensa liberal fizesse alarido com o caso, nem elle era para isso, visto que o professor era liberal. Figue-se porém sabendo o credito que merece a imprensa liberal, quando se entretém com algum pequeno defeito ou alguma calumniasinha, que pese sobre um catholico.—Em Cascaes, na Bocca do Inferno (asiago nome!), onde o mar arremessa vagas violentas, tres rapazes, vindos de Lisboa em passeio recreativo, estavam, na sexta-feira sancta, contemplando o mar quando uma onda traiçoeira os arrebatou, sem que ninguem pudesse valer-lhes. Ha poucos dias mais outra victima foi tragada no mesmo sitio. Se a vida temporal lhes findou na Bocca do Inferno, oxalá lhes não findasse alli tambem a eterna!

**Mudança ministerial.**—Foi creado o ministerio da instrucção publica, e n'elle collocado o sr. João Arroyo. Para a marinha entrou o snr. Julio de Vilhena. Fala-se de novas variantes; porém como em politica quasi sempre sai o que se não espera, aguardemos os successos.

**Novas leis.**—O «Diario do Governo», de 7 do corrente, publica além d'outros, os decretos sobre *reuniões e associações; espectáculos publicos; incompatibilidades; imprensa; qualificação e julgamento de crimes.*

Entre as leis portuguezas ha já tantas que são letra morta, que bem nõ de acontecer o sejam tambem muitas d'estas que agora se publicam, se não forem coisa peor.

**Bismarck**—descido do poder, é assumpto da imprensa européa, que tem celebrado quedas notaveis no anno corrente, e agora se occupa d'esta por certo a não menos digna de memorar-se. O grande chanceller nasceu em 1 d'abril de 1815 em Schonhausen, districto de Magdeburgo. Feitos seus estudos, cedo entrou na vida politica subindo em breve espaço ás eminencias do poder, constituindo-se o arbitro de seu paiz e o impulsador de melhor pulso da politica européa.

Conhecida por demais é a ingerencia do grande chanceller na repressão das agitações da Polonia, na questão do Schleswig, na guerra da Dinamarca, na confederação dos estados allemães com detrimento da Austria, nas guerras d'Austria e Italia, na grande campanha contra a França, na constituição em fim do grande imperio allemão. Por toda parte e sempre, a vontade de ferro de Otto Eduardo Leopoldo Bismarck superiorison quantas vontades emprehenderam detel-o em seu triumphar incesante. *La force prime le droit* foi nas

mãos do grande politico uma maça d'Hercules.

Ha porém um direito que a força não esmaga—é o direito sacratissimo da Igreja, direito divinamente suave que faz a ventura de quantos o defendem, direito perennemente invencivel que reduz a pó quem se levante a agredil-o. O genio de Bismarck lia no futuro as difficuldades que podiam enredal-o: esta difficuldade não soube lel-a. Vencida a França, activo sempre quiz vencer Roma.

Em 18 de julho de 1870, um dia antes do rompimento entre a Prussia e a França, o concilio do Vaticano definia solemnemente o dogma da infallibilidade pontificia, tendo os bispos allemães votado com a minoria do concilio. Bismarck, protestantemente auctoritario, instigado pelos liberaes e pelas Universidades, declarou guerra ao catholicismo, com tanta mais violencia, quanto mais o feriu ver que, no Reichstag, se aggremiavam os catholicos, formando o partido do centro, no intuito de fazer frente ás tendencias anti catholicas do imperio nascente.

Levar-nos-ia muito longe compendiar a briga titanica, sustentada por vinte annos, entre os catholicos, cuja extincção se apregoava, e o liberalismo protestante, (o catholico é ainda peor) orientado pelo homem que surprehen-deu o mundo como descommunal cometa que assomasse no espaço.

Vinte annos!... Na Allemanha, em 1870, que eram os catholicos em redor de Windthorst? que eram os inimigos dos catholicos rodeando a Bismarck?... Hoje, que são os inimigos dos catholicos? que é Bismarck?

Meditemos!

Aqui ha uma licção tão clara, tão incisiva, tão accentuada, tão frisante, que se os catholicos não quizerem ser cobardes, isto é, se quizerem ser catholicos, unindo-se, operando, orando, orando muito, orando sempre, hão vencer necessariamente, fatalmente, porque pertencem áquella divina sociedade contra quem nada pôde o bismarckino *la force prime le droit*, visto que os infernos não prevalecerão jamais contra ella.

O desalento, a cobardia é indignadora em todos os campos: no campo catholico, é, demais a mais, inexplicavel.

O general Jorge Leão von Caprivi di Caprera de Montecuculi, nascido em 24 de fevereiro de 1831, hoje successor de Bismarck, pertencente a uma familia catholica, segundo affirma o Almanack de Gotha, inaugurou sua missão de chanceller mostrando desejos de harmonia com o Vaticano.

O futuro dirá.

Abril—8.

## ANNUNCIOS

### BONS LIVROS

A ESTRELLA DE NAZARETH, lendas e narrativas da Terra Santa sobre a Santissima Virgem; 5 volumes com magnificas gravuras de pagina.... 2\$500

CANCIONEIRO DE LEÃO XIII ou os versos latinos e italianos de Sua Santidade, postos em rima portugueza e precedidos da sua biographia e retrato; 1 grande vol. de luxo..... 2\$000

A MULHER CHRISTA desde o nascimento até á morte. Estudos e conselhos por madame M. de Marcey, 1 grosso vol..... 500

O ANJO DA TORRE. Narrativa do tempo de Isabel, rainha de Inglaterra, 1 vol..... 500

#### João de Lemos

A IGREJA CATHOLICA e o seu clero regular e secular nas sciencias, nas letras e nas artes; um grosso vol. de trezentas e tantas paginas.... 500

ENTRETENIMENTOS DO CORAÇÃO DEVOTO COM O SANTISSIMO CORAÇÃO DE JESUS, pelo padre Theodoro de Almeida, 1 vol. encadernado.. 400

A' venda na LIVRARIA CATHOLICA PORTUENSE, editora, rua da Picaria n.º 85 e em Guimarães na de Teixeira de Freitas, e nas principaes livrarias do reino.

#### CONDE DE SAMODÃES

### O MEZ DE MAIO

Consagrado à SS. Virgem

Auctorisado e approvedo pelo Em.<sup>mo</sup> Cardinal Bispo do Porto, que concede 100 DIAS DE INDULGENCIA por cada leitura da Meditação de um dia.

(UNICA OBRA N'ESTE GENERO INDULGENCIADA)

PREÇO, ENCADERNADO, 400 RÉIS

A' venda—Em Guimarães—Na livraria Internacional de Teixeira de Freitas (successores).

### OS FRADES

Defeza, justificação e apologia

por

J. DE LEMOS

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO

1 volume . . . . . 300 réis

### CRITICA À CRITICA

PELO

PADRE SENNA FREITAS

1 volume . . . . . 120 réis

M. F.